

Relações entre signo gestual e cronotopo na produção de sentidos no discurso em língua brasileira de sinais – Libras

Relationships between gestural sign and chronotope in the production of meaning in discourse in Brazilian Sign Language - Libras

Dinéia Ghizzo Neto Fellini¹

Elsa Midori Shimazaki²

Renilson José Menegassi³

Resumo: Objetiva-se analisar, a partir do vídeo em Libras, *Setembro Azul*, publicado na Plataforma *Youtube*, a refração referencial entre os signos gestuais para FITA e seus cronotopos. Para isso, realizamos: 1) seleção do vídeo pelos critérios: tempo (até cinco minutos), conteúdo (informativo) e enunciador (surdo); 2) solicitação de autorização para uso de imagens; 3) conversão do vídeo em imagens; e 4) montagem dos signos gestuais. Do vídeo selecionado, obtivemos quatro signos gestuais para FITA: LAÇO-FITA-PEITO_{classificador}, F-I-T-A, FITA-BRAÇO_{classificador} F-I-TA e AMARRAR-FITA-BRAÇO_{classificador}. O recurso metodológico adotado, a exotopia, a partir da abordagem qualitativa de investigação. Dos resultados, ponderamos: i) o enunciador ressignifica, a partir do espaço de enunciação, determinados signos gestuais; ii) essa ressignificação é moldada pelo contexto sócio histórico, cujo tempo-espacó apresentam-se singulares; e iii) o enunciado adquire tema e acabamento, decorrente do cronotopo e elementos axiológicos; a escolha dos signos gestuais é determinado pela posição, valores e nível cultural e linguístico do enunciador.

Palavras-chave: Libras. Bakhtin. Dialogismo. Sentido. Cronotopo.

Abstract: The aim is to analyse the referential refraction between the gestural signs for FITA and their chronotopes, based on the video in Libras, Blue September, published on the Youtube platform. To do this, we: 1) selected the video according to the following criteria: time (up to five minutes), content (informative) and enunciator (deaf); 2) requested authorisation to use images; 3) converted the video into images; 4) assembled the gestural signs. From the selected video, we obtained four gestural signs for FITA: LAÇO-FITA-PEITO-classifier, F-I-T-A, FITA-BRAÇO-classifier F-I-TA and AMARRAR-FITA-BRAÇO-classifier. The methodological resource adopted was exotopia, based on a qualitative research approach. From the results, we consider: i) the enunciator re-signifies, from the space of enunciation, certain gestural signs; ii) this re-signification is moulded by the socio-historical context, whose time-space is singular; iii) the enunciation acquires a theme and finish, resulting from the chronotope and axiological elements; the choice of gestural signs is determined by the position, values and cultural and linguistic level of the enunciator.

Keywords: Libras. Bakhtin. Dialogism. Meaning. Chronotope.

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional, Medianeira, PR, Brasil. Endereço eletrônico: dineia.fellini@unila.edu.br.

² Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, PR, Brasil. Endereço eletrônico: emshimazaki@uem.br.

³ Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Maringá, PR, Brasil. Endereço eletrônico: renilsonmenegassi@gmail.com.

Considerações iniciais

Compreendemos, a partir do Materialismo Histórico e Dialético, que o agir do homem sobre a natureza, foi necessário, afinal, precisavam suprir suas necessidades básicas de sobrevivência, logo, “o modo de satisfazer essas necessidades os conectavam uns aos outros (relação entre os sexos, troca, divisão do trabalho). Dessa forma, eles tiveram de estabelecer relações” (Marx; Engels, 2007, p. 421), determinadas por uma organização social. Somos resultado das formas específicas de transformação, criação e apropriação da natureza (Marx; Engels, 2007; Leontiev, 2004), bem como das relações sociais que são estabelecidas durante a nossa existência em sociedade.

Ao longo de nossa existência, nos apropriamos dos instrumentos (materiais e intelectuais), de valores, crenças etc.; que nos auxiliam na compreensão da realidade. Não obstante, os signos linguísticos e/ou gestuais, carregam representações simbólicas, possibilitando ao homem, estabelecer relações entre a interação social e a sua consciência (Fellini, 2022)⁴. Para a autora, aqueles que se utilizam da língua de sinais como manifestação de interação e comunicação, se tornam envolvidos por essas relações carregadas de historicidade, cultura e valores, aspectos que indiscutivelmente orientam o comportamento humano, comprovando o quão, sócios históricos somos (Fellini, 2022). Os signos gestuais, pela carga ideológica que possuem, assumem sentidos diversos, são produzidos e compreendidos durante uma enunciação em Libras, aspectos apresentados e discutidos neste estudo, a partir da análise de quatro signos gestuais para FITA (LAÇO-FITA-PEITO_{classificador}⁵ (0:37 segs.), F-I-T-A⁶ (0:39 segs.), FITA-BRAÇO_{classificador} (0:44 segs.), e AMARRAR-FITA-BRAÇO_{classificador} (1m. 08 segs.), presentes no vídeo *Setembro azul*, de publicação do Instituto Phala na plataforma *Youtube*.

A linguagem sob a perspectiva Dialógica: breves apontamentos sobre cronotopo e sentido

O Círculo de Bakhtin e a Escola de Vigotski reconhecem que para a formação do homem, o trabalho tem um papel determinante, assim como no desenvolvimento da linguagem (Fellini, 2022). Para a Teoria Histórico Cultural (Luria, 1974; 1991; Leontiev, 2004; Vygotski, 2001; 2007; Vygotsky, Luria, 1996), o comportamento humano é influenciado, pelo meio, pelos instrumentos materiais e intelectuais, fenômenos e pessoas, resultantes de

⁴ Este artigo contém partes da Tese de Doutorado *A Língua Brasileira de Sinais sob as Perspectivas da Teoria Histórico-Cultural e do Dialogismo* (2022).

⁵ Conforme Ferreira (2010), as palavras em letras maiúsculas referem-se a conceitos representados pelos sinais, não a palavras da língua portuguesa.

⁶ De acordo com Martins (2013), na Libras, a datilologia ou alfabeto manual, corresponde a representação manual da forma gráfica das letras, compõe assim, a forma gráfica da língua portuguesa, e é representado pelas palavras separadas por hífen. Utiliza-se a datilologia para palavras que não possuem signo gestual, para se referir a localidades e nome de pessoas.

fatores biológicos, históricos e sociais. O Dialogismo (Bakhtin, 2010; 2011; Volóchinov, 2013; 2019; Bakhtin, Volóchinov; 2017) atribui aos fatores históricos, sociais e valorativos, tal responsabilidade, indissociáveis à manifestação da linguagem. Reverbera-se que mesmo tendo a capacidade de adaptação e transformação da natureza, a função singular de orientação do comportamento humano é de responsabilidade da linguagem, sem demora, tanto linguagem quanto consciência⁷, originam-se das relações sociais, interações derivadas da organização para o trabalho (Fellini, 2022).

O surgimento da linguagem, segundo Luria (1974), decorre do processo gradual de separação de gestos e palavras e de atividades de trabalho. As palavras têm a função de abstração e generalização das características dos objetos, a demonstrar que a formação de processos verbais está relacionada às mudanças na estrutura do sistema funcional do cérebro humano. Desse modo permite nomear, generalizar e sistematizar, funções estas, essencialmente humanas (Luria, 1974). Estas considerações revelam impossível conceber a formação e a existência da consciência humana, sem conceber o signo linguístico como sendo de orientação ideológica, social e valorativa. Por meio da linguagem observamos, a singularidade, a unicidade, a peculiaridade que cada ser possui (Bakhtin, 2010), manifestadas pelos afetos, pelas vivências, interações, mas também, é pelas trocas entre os indivíduos, que observamos as identidades (classes, comunidades, gêneros etc.). Nas palavras do pesquisador “por isso, o que unifica os dois mundos é o evento único do ato singular, participativo, não indiferente” (Bakhtin, 2010, p. 17), que se manifesta pela língua, em interação discursiva.

As interações sociais e as trocas entre os indivíduos permitem que os signos linguísticos e gestuais existam, e é na realidade material e concreta da sociedade que eles recebem significações. Volóchinov (2019) destaca que todo signo ideológico é um produto da história humana, a refletir e refratar todo e qualquer fenômeno da vida em sociedade. Assim, desde a primeira linguagem humana, sua função é de significação social, organizando desse modo, a vida social dos homens.

Leontiev (2004) sublinha que as significações linguísticas, bem como o sentido social objetivo dos fenômenos, atribuídos em coletividade e de comum acordo, se cristalizaram ao longo da história. Assim, constitui a consciência individual desses fenômenos, o que permite as gerações posteriores, se apropriarem continuamente das riquezas deste mundo (Leontiev, 2004). Entretanto, sem a linguagem, isto seria impossível, pois os conhecimentos e as propriedades humanas são plenos, ocorrendo somente pelo ato singular e único de pensar

⁷ Neste texto, a linguagem é entendida como a forma mais plena de consciência. É com ela que interagimos, pois todo e qualquer discurso produzido ganham significações e sentidos, tornando-se parte da consciência, de modo ampliá-la. Ademais, pela linguagem nos apropriamos da cultura historicamente produzida pelo homem.

de cada indivíduo (Bakhtin, 2010), mesmo considerando as leis sociais de imposição e sobrevivência coletiva.

Essa concepção histórica, social e valorativa de formação humana nos permite compreender que, no decurso das atividades desenvolvidas pelo homem, suas aptidões, seus conhecimentos, o saber fazer se fixaram nos produtos diversos (materiais, intelectuais etc.). Desse modo, as atividades mantêm-se projetadas nos objetos e na linguagem, para o desenvolvimento da sociedade humana (Fellini, 2022). Outrossim, é de grande influência sobre os enunciados, o contexto histórico, social e cultural em que os indivíduos participantes estão inseridos, assim como, sobre as respostas do outro, uma vez que todo sujeito, ao pensar, assume que pensa face ao outro, ou seja, responde por isso (Amorim, 2009, p. 22), logo, “todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro” (Bakhtin, 2010, p. 111). Nesse aspecto, é justamente o acesso aos bens culturais, materiais e intelectuais que impulsiona todos os indivíduos a se desenvolverem em sociedade, mesmo a considerar seus níveis de individualidade.

A partir desses pressupostos de base, buscamos no Círculo de Bakhtin, fundamentos complementares e necessários para analisar os signos, mais precisamente, os signos gestuais presentes num enunciado concreto em Libras. Entre os vários conceitos utilizados pelo Dialogismo, pontuamos aqui, dois deles: cronotopo e sentido, que a nosso ver, são indispensáveis quando analisamos o signo a partir da perspectiva do outro. É possível observar que estes conceitos são intrínsecos, pois não é possível compreender o sentido de um enunciado fora do seu contexto tempo-espacó.

A origem do conceito de cronotopo tem várias vertentes, mas o termo em si, está diretamente relacionado as palavras gregas *crónos* (= tempo) e *tópos* (= espaço) (Fiorin, 2005). Nos estudos de Bakhtin, ganhou notoriedade a partir da análise de obras literárias, situada em três eixos: “o da forma de entender o mundo da experiência; o da forma de organização dos discursos e o de arquiteturas de gênero” (Sobral, 2005, p. 138). Mais precisamente, quando Bakhtin amplia esse conceito para o campo literário, o intuito era analisar como o cronotopo dos gêneros literários influencia outros cronotopos existentes, ou seja, é nos textos, que Bakhtin constata a interligação nas relações espaciais e temporais (Bakhtin, 2002), categorias essas, de natureza histórica, pois segundo Fiorin (2011), cada povo concebe tempo e espaço de uma forma distinta. Para alguns, ele pode ser cíclico, para outros, pode ser linear e irreversível, e isto ocorre porque organizamos nosso universo da experiência imediata, com imagens criadas do mundo, a partir dessas categorias.

Se quisermos entender, segundo Machado (1998), o tempo e o espaço como manifestações de um único fenômeno, devemos então, condicionar a noção de tempo ao espaço dialógico das culturas e civilizações, cuja relação será sempre na interação.

Importante ressaltar que o sujeito só existe materialmente num espaço (social) e tempo (histórico), e este sujeito é um agente que organiza discursos, e é responsável por seus atos, bem como, responsável aos discursos dos outros (Sobral, 2005b). Para Bakhtin (2010, p. 43), “um ato ou ação responsável é precisamente aquele ato realizado sob a base de um reconhecimento da minha obrigatoriedade (dever-ser) unicidade”, porque, toda e qualquer experiência humana, sempre será mediada pelo agir avaliativo do sujeito, o que lhe confere sentido a partir da materialidade concreta do mundo (Sobral, 2005). Isso demonstra que para o Dialogismo a nossa subjetividade está atrelada ao outro, as compreensões e avaliações que fazemos frente aos discursos dos outros, situadas nas interações sociais que estabelecemos (Brambila, 2018).

Essas considerações nos ajudam a refletir que, os discursos são constituídos por inúmeros outros discursos que os precedem, produzidos por vozes alheias, em tempo-espacos distintos, a frisar que, esses discursos são produtos da individualidade, da unicidade dos interlocutores envolvidos, formados a partir dos bens culturais, materiais e intelectuais assimilados e apropriados ao longo da existência humana. Nossas posições, em determinados tempo e espaço, orientam tanto o conteúdo quanto o valor daquilo que enunciarmos, a considerar também, é claro, nossos interlocutores.

Decorrente dessas constantes trocas e interações, desses crivos avaliativos é que Amorim (2012) considera que cronotopo e exotopia são inerentes, porque designam uma posição no tempo do enunciador e do interlocutor. A análise de um discurso de outra época, por exemplo, enfatiza a dimensão espacial, o trabalho de objetivação que distingue dois sujeitos e duplica seus respectivos lugares, isto é, “enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar: sua posição singular e única num dado contexto e os valores que ali afirma” (Amorim, 2012, p. 102). É um movimento duplo, aquele que vive o instante e aquele que empresta um suplemento de visão, por estar do lado de fora.

Seguindo esse princípio, é possível reconhecer que o conceito de sentido está fundamentalmente situado no conceito de cronotopo. Para Bakhtin (2011), todo discurso se dá na concretude do seu emprego, em situações reais de uso da linguagem, nas trocas dialógicos que ocorrem em um determinado tempo e espaço, determinantes para a produção de sentido nos enunciados, bem como, sobre as respostas do outro, pois “o sujeito que pensa um pensamento assume que assim pensa face ao outro, o que quer dizer que ele responde por isso” (Amorim, 2009, p. 22). Dessa forma, “todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro” (Bakhtin, 2010, p. 111). E do mesmo modo que cronotopo e exotopia se entrelaçam, reverberando a complexidade dos termos, o conceito de sentido também é concebido pelo Círculo de Bakhtin, como um dos problemas mais complexos da Linguística,

isto porque, é necessário pensar em sentido de forma ampla, que abarque não apenas o sentido do signo, mas sim, o sentido produzido no discurso, na vida, a partir do signo ideológico (Cereja, 2005), que diretamente está situado em cronotopo e exotopia, formalizando-se nos valores atribuídos durante um discurso.

A respeito, para Bubnova, Baronas e Tonelli (2011, p. 272),

[...] percebemos nosso mundo não só por meio de sentidos físicos, mas também morais, que são as valorações geradas por meus atos que sempre se realizam em presença e em cooperação com o outro ser humano, por intermédio de uma tríplice ótica na qual vemos o mundo: eu-para-mim, eu-para-outro, outro-para-mim, de tal modo que o mundo resulta ser o espaço onde se desenvolve nossa atividade, concebida sempre em uma estreita participação do outro. O espaço é onde o outro sempre se encontra, enquanto que eu tenho de entrar no espaço. Cada ocupação, cada expressão ou gesto e cada tarefa são destinadas para o outro; por isso, o ato sempre será um encontro com o outro, encontro baseado em uma responsabilidade específica que a relação com o outro produz: minha posição no espaço e no tempo é única e irrepetível, por isso eu sou a única pessoa capaz de realizar os atos concretos que me correspondem a partir do meu único lugar no mundo, atos que ninguém pode executar em meu lugar.

Decorrente dessa contribuição dos autores, constata-se que todo enunciado ao ser produzido, possui uma carga ideológica, cujas significações atribuídas pelo enunciador, são constituídas a partir de discursos e valores alheios, de conhecimentos e experiências apropriadas por ele ao longo de sua formação e determinam sua posição num tempo e espaço. Do mesmo modo, ao avaliarmos o discurso de outrem, estamos atribuindo sentido ao a partir dos nossos conhecimentos, vivências e experiências, valores que construímos e nos moldam, orientando assim nossas respostas. “Cada pensamento meu, junto com o seu conteúdo, é um ato ou ação que realizo” (Bakhtin, 2010, p. 3). Assim, toda ação concreta e intencional praticada por alguém situado, é uma ação responsiva ativa, e responsabilidade requer, segundo Sobral (2005b) explicação. Logo, para que haja explicação, posicionamento dos interlocutores, o enunciado precisa adquirir determinado sentido.

Quanto a peculiaridade das enunciações cotidianas, como evidencia Volóchinov (2019, p. 80), “consiste em que elas, mediante milhares de fios, entrelaçam-se com o contexto extraverbal da vida e, ao serem separadas deste, perdem quase por completo seu sentido: quem desconhece seu contexto vital mais próximo não as entenderá”. Assim, tanto o extraverbal, ao qual cronotopo se insere, quanto as vozes alheias, são construtoras de sentido de nossas enunciações. Para forjar um novo sentido a partir dessas vozes, é necessário que compreendamos o que foi dito antes, e tratamos de ouvir, uma possível resposta de nossos interlocutores, antecipando-a (Bubnova; Baronas; Tonelli, 2011). É, portanto, nesse processo de comunicação e interação com o outro, que nos tornamos sujeitos. Desse modo, pela natureza dialógica e social que a Libras também possui, a abranger valores individuais e

coletivos, é que reconhecemos ela como instrumento social de produção de sentidos, aspecto a ser analisado neste estudo, utilizando-se como base, o cronotopo.

Metodologia

Diante do exposto, o nosso objeto de estudo é a Libras, uma língua de modalidade gestual-visual, cujos os signos gestuais são carregados de ideologia e são esses valores, constituídos dentro de um tempo-espacó que permitem ao enunciado, ganhar sentido. Ao considerar, portanto, que é num enunciado concreto que podemos observar aspectos como a posição do enunciador e os valores por ele empregados, optamos pela escolha de um vídeo em Libras como instrumento para nossas análises. Para isto, seguimos algumas etapas: 1) Seleção do vídeo a partir de três critérios: tempo (duração máxima de 5 min.), conteúdo (informativo ou pedagógico) e enunciador (surdo adulto); 2) Solicitação de autorização aos responsáveis para uso de imagem; 3) Inserção do vídeo no Programa *Free Vídeo to JPG Converter v.5.0.10*, a fim de converte-lo em imagens JPG; e, 4) Recorte das imagens e montagem dos signos gestuais. O vídeo selecionado, intitulado *Setembro Azul*, possui duração de 3 min. e 07 segs., e foi publicado na Plataforma *Youtube* no dia 20 de setembro de 2013 pelo Instituto Phala. Nele, o enunciador justifica o motivo que determinou a escolha da fita azul como símbolo de conscientização sobre a visibilidade da Comunidade Surda, ou seja, esta era a cor da fita utilizada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial para identificar as pessoas surdas, como pode-se observar na tradução do vídeo, feita da Libras para a língua portuguesa

Quadro 1: Texto informativo *Setembro Azul*

Olá, tudo bem?



Meu nome é Henrique e esse é o meu sinal

Eu trabalho no Instituto Phala como Instrutor surdo.

Gostaria de lhes fazer uma pergunta: Vocês sabem o que significa o setembro azul? Ou por que a cor azul foi escolhida para essa fita? Vocês sabem?

A fita azul foi escolhida, porque os soldados nazistas a utilizavam nos campos de concentração para identificar diferentes grupos, e entre eles, os surdos que recebiam uma identificação da cor azul. Os nazistas julgavam os surdos inferiores. Imaginem!

No ano de 2011, essa fita de cor azul foi escolhida para apoiar a cultura surda e lembrar dos anos de perseguição, opressão e preconceito vividos pelos surdos.

No dia 26 de setembro, se comemora o dia do surdo e o movimento setembro azul quer mostrar o esforço e a luta da pessoa surda.

Importante lembrarmos também da Libras. Hoje usamos essa fita de cor azul, para mostrar o orgulho de ser surdo e lembrar também da nossa cultura.

O Instituto Phala apoia o movimento setembro azul e valoriza a identidade e a cultura surda.

Um abraço a todos vocês e um feliz dia dos surdos! I love you!

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xJxNG96dul>.

Posterior a seleção, entramos em contato com o Instituto Phala, e após obter a autorização⁸ para o desenvolvimento da pesquisa e uso de imagens, fomos à terceira etapa, isto é, inserção do vídeo no Programa *Free Vídeo to JPG Converter v.5.0.10*, que entre suas funcionalidades, converte vídeos em imagens JPG, como no exemplo abaixo.

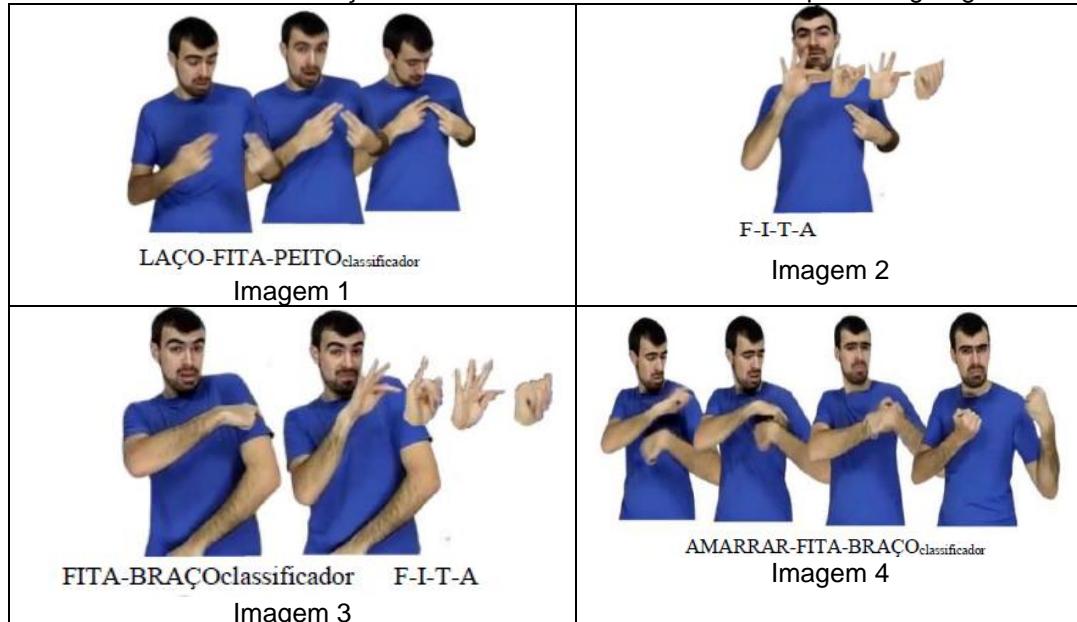
Imagen 1: Captura de imagem do vídeo *Setembro Azul*



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_xJxNG96dul.

Com a conversão concluída, adicionamos as imagens correspondentes aos signos gestuais no aplicativo *Vídeo Maker*, que entre suas funcionalidades está o recorte e colagem das imagens, permitindo a obtenção dos signos gestuais que serão analisados neste estudo (Quadro 2).

Quadro 2 – Formas de sinalização utilizadas no vídeo *Setembro Azul* para o signo gestual FITA



Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Com os signos gestuais definidos, aplicamos como recurso metodológico, a exotopia, que para o Dialogismo, refere-se ao excedente de visão, ou seja, o olhar e as palavras do “outro” permitem a compreensão e a percepção da nossa existência. Nas palavras de Bakhtin (1997, p. 43, grifos do autor), “esse excedente constante de minha visão e de meu

⁸ Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 27940819.1.0000.0104.

conhecimento a respeito do outro é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias — todos os outros se situam fora de mim". Para o autor, a consciência de nossa existência está atrelada ao outro, a sua visão e avaliação, porque somos seres incompletos por natureza, logo, o nosso existir, nossa constituição e formação, dependem indiscutivelmente desse olhar avaliativo, dos valores atribuídos pelos outros, que só se tornam possíveis, pelas interações discursivas cotidianas. Neste estudo, a exotopia se caracteriza pela nossa avaliação em relação ao discurso produzido pelo enunciador surdo (outro), de modo que realizamos dois movimentos: a) captar o olhar do enunciador, sua posição e percepção de mundo; e, b) sintetizar nossa compreensão, avaliação a partir de nossos valores e perspectivas. A partir desses dois movimentos, analisamos nosso objeto de estudo, segundo cronotopo e sentido, a considerar que para Amorim (2012), o tempo é um elemento privilegiado, princípio primeiro de cronotopo, culturalmente construído e articulado no espaço, permitindo ao enunciado, ganhar sentido durante uma interação discursiva.

Análise e discussão dos resultados

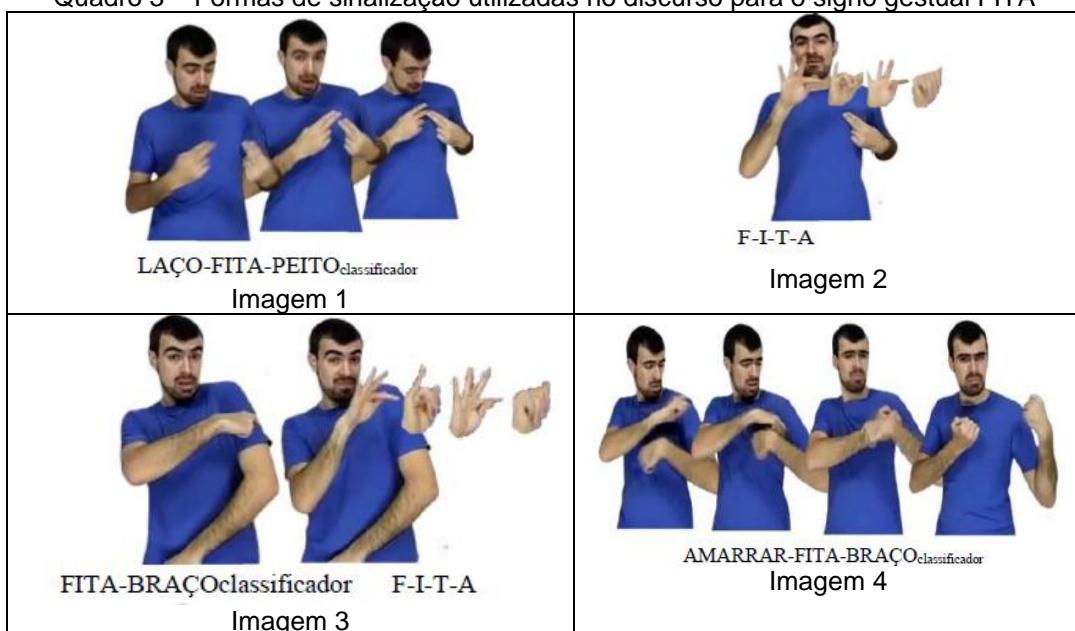
Ante ao objetivo aqui proposto, nossas análises partem do princípio instituído num discurso, a posição ocupada pelo enunciador durante a produção desse discurso e o seu cronotopo. No vídeo, o enunciador se encontra na posição de narrador, logo, ao expor seu discurso em Libras, está fora do tempo e espaço do episódio narrado, e por mais real e verídico que possa ser sua representação, não será idêntico do ponto de vista espaço-temporal, do mundo real onde o narrador se encontra (Bakhtin, 1978 *apud* Amorim, 2012). Cada enunciado e cada discurso têm um cronotopo específico de produção e de recepção e como seres históricos e heterocronotópicos que somos. Alves (2021) saliente que transitamos e nos constituímos nos mais diversos cronotopos, e nossos discursos são dirigidos a alguém, assim como a forma que enunciámos e as situações das quais estamos falando.

No vídeo *Setembro Azul*, publicado em 2013 no Brasil, o enunciador traz a luz do discurso, dois acontecimentos históricos, e embora, ambos tenham ocorrido em períodos e locais distintos, com valores ideológicos divergentes. Ambos foram determinantes para a escolha da fita azul como símbolo do movimento e para a efetivação desse movimento da Comunidade Surda. O primeiro acontecimento, fica explícito ao interlocutor, pois o narrador expõe brevemente e com entonação, o quanto negativo foi para os surdos, o regime nazista na Alemanha (1933 a 1945), momento em que em função da "Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias", muitos surdos foram dizimados. O segundo acontecimento, reconhecido pela comunidade surda como um marco histórico, e mesmo implícito no discurso, é possível de compreensão pela significação empregada pelo enunciador ao longo do discurso. Este refere-se ao movimento *Setembro Azul*, criado a partir da manifestação nacional dos surdos, que

ocorreu em 2011 em Brasília, para defender uma educação bilíngue e de qualidade aos surdos. Com a notoriedade que a manifestação alcançou, instituiu-se o Movimento Setembro Azul, cuja fita de cor azul, foi uma forma de homenagear aqueles surdos mortos durante o regime nazista. Optou-se pelo mês de setembro como mês do movimento, em função de algumas datas comemorativas anteriormente estabelecidas (23 de setembro – Dia Internacional da Língua de Sinais; Dia 26 de setembro – Dia Nacional do Surdo; 30 de setembro – Dia Internacional do Surdo e Dia Internacional do profissional Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) (Silva et al., s/d).

É cabível destacar que como seres históricos que somos, estamos atrelados a pensamentos de época, logo, como afirma Alves (2021), todo discurso por nós produzido apresenta características da época de sua produção. O objetivo do vídeo é informar o motivo que determinou a escolha da fita azul como símbolo e enaltecer e incentivar o movimento, como é possível de observação pelo posicionamento do enunciador. Trata-se da resposta a qualquer discurso preconceituoso produzido durante o regime nazista ou qualquer forma de representação negativa à comunidade surda. Esta atitude responsiva do enunciador ocorre porque a vida é um constante diálogo, onde interrogamos, respondemos, concordamos, discordamos e escutamos. É neste tecido dialógico da existência humana, como atesta Bakhtin (2003), participamos intensamente, com nossa alma, nosso espírito, nosso corpo, nossos atos e palavras; por isso, no ato concreto do discurso, é que reconhecemos os valores que permitem, segundo o cronotopo, a compreensão dos sentidos, aspectos observados nas sinalizações para FITA:LAÇO-FITA-PEITO_{classificador}; F-I-T-A; FITA-BRAÇO_{classificador} F-I-T-A; e AMARRAR-FITA-BRAÇO_{classificador} (Quadro 3).

Quadro 3 – Formas de sinalização utilizadas no discurso para o signo gestual FITA



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

A primeira sinalização de fita ocorre por meio do Classificador (Cl) especificador⁹ de laço no peito; a segunda pela datilologia¹⁰ (F-I-T-A) incorporada ao laço no peito; a terceira ocorre pelo Cl de corpo¹¹, representando uma fita presa ao braço, ao mesmo tempo em que se utiliza da datilologia (F-I-T-A); e a quarta forma, pelo Cl de corpo, a demonstrar a ação de amarrar uma “faixa” ao braço esquerdo. A partir dessas imagens, pautamo-nos em Bakhtin e Volóchinov (2017, p. 98), a pensar que “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos”, logo, se os instrumentos de trabalho e os produtos de consumo, podem ser carregados ou privados de significação, o corpo humano também é um instrumento de trabalho, assim como a língua.

Desse modo, pode-se considerar, segundo Fellini (2022), que algumas pessoas como o enunciador do vídeo, utilizam o corpo e a língua como instrumentos de trabalho, outras pessoas, utilizam como instrumentos de representação, carregados de significação, outras pessoas ainda, a língua é utilizada apenas como instrumento de comunicação. Na Libras, as mãos, assim como o corpo, são imprescindíveis para a produção de sentido, carregados de significação, a demonstrar sua importância como instrumento representativo e comunicativo. As mãos se destacam, segundo Leontiev (2004), por serem membros do corpo com grande utilidade ao homem, usada desde as primeiras formas de trabalho manual até o seu uso como forma de linguagem, seja por meio da pintura, dos gestos ou outras formas de representação.

A Libras, não se trata apenas de signos gestuais, pois engloba as expressões faciais e corporais, os valores sociais., a representar signos ideológicos criados a partir da situação social, tempo-espacó de sua produção (Fellini, 2022). O corpo, para os surdos, não é apenas um instrumento de comunicação, mas também de representação, de modo a significar muitas coisas, capaz de produzir sentidos diversos. Dessa forma o espaço de enunciação, rico em cenarização, o enunciador pode assumir tanto a posição de narrador (Imagens 2 e 3), que permite a visualização dos fatos narrados, como também assumir a posição dos personagens da história (Imagens 1 e 4), de modo que pode visualizar a cena ao qual participa (Silva, 2014).

Assim, ao pensarmos que cada cronotopo, conforme destaca Paula (2011), constrói uma visão de sujeito, assim como os sujeitos, que imersos na teia social das relações e construções axiológicas, podem construir imagens de cronotopos específicos, aqui não seria diferente. O enunciador, ao se utilizar dos conhecimentos e experiências que possui a respeito do tema e da linguagem, produz um acabamento específico ao discurso, segundo sua

⁹ Tem como função, na Libras, descrever visualmente a forma, o tamanho, a textura, o paladar, o cheiro, os sentimentos, o “olhar”, os “sons” do material, do corpo da pessoa e dos animais; especificar elementos gasosos, logomarcas, etc., ou ainda, números relacionados ao objeto animado ou inanimado (Pizzio *et al.*, 2009).

¹⁰ Representação manual da forma gráfica das letras que compõem a forma gráfica da Língua Portuguesa (Martins, 2013, p. 31), representado pelas palavras separadas por hífen e normalmente utiliza-se para nome de pessoas, localidades, também para palavras que não possuem signo gestual (Martins, 2010).

¹¹ Descreve uma ação da realidade por meio da expressão corporal de seres animados (Pizzio *et al.*, 2009).

percepção espaço-temporal dos fatos, o que nos permite inferir que o processo de compreensão dos fenômenos ideológicos demonstra que os signos não conseguem ser operados sem a participação do discurso interior. Eles são constituídos a partir de discursos externos, uma vez que o signo não-verbal e a manifestação de criação ideológica, não podem ser isolados ou separados do discurso social que lhe sustenta (Fellini, 2022). Logo, é possível de observação, no discurso analisado, o atravessamento de vários cronotopos ideologicamente constituídos.

Ao utilizar os signos gestuais para FITA, o enunciador não está apenas retomando ou ressignificando objetos e ações que ficaram demarcadas historicamente (amarração da fita ao braço e o formato da fita no peito), pois o próprio enunciado é histórico e socialmente significativo, transformando-se numa categoria de realidade natural para a de realidade histórica. O enunciado um ato social, logo, é parte da realidade social, mesmo que em tempo-espacô distinto do momento de sua produção.

A partir dos acontecimentos “citados” no discurso, uma breve apreciação histórica apresenta-se necessária, a fim de observarmos quais valores ficaram definidos ideologicamente, segundo o enunciador. Se retomarmos aos espaços temporais desses eventos, constataremos que o regime nazista (1933–1945) se efetivou num momento em que a Europa experienciava o fim da segregação das pessoas com deficiência, e a sua integração na sociedade. Os estudos clínicos ganharam notoriedade nessa fase, e a deficiência era olhada pelos fatores biológicos. Quase 80 anos depois, observa-se a formalização do Movimento Setembro Azul (2011), instituído avanços na área da surdez, seja de caráter educacional, clínico ou social. Nessa fase, a integração não tinha promovido efeitos positivos e a inclusão tornou-se o centro de debates e políticas, prezando pelos direitos básicos e igualitários a todos os cidadãos, com deficiência ou não. Os fatores biológicos perdem o foco na inclusão, e os fatores psicossociais ganham evidência. Neste ínterim, muitas lutas e movimentos contaram com a participação dos surdos, o que justifica, atualmente, as posições assumidas por eles em diferentes instâncias sociais.

Esse direito de “voz”, decorrente do acesso à educação, aos instrumentos culturais, corroborou para uma maior politização da comunidade surda. O reconhecimento possibilitou que os signos gestuais passaram a ser elaborados em comum acordo e de forma coletiva e os valores ideológicos foram se cristalizando. A escolha da fita de cor azul para o movimento, é um exemplo disso, sendo uma forma encontrada para lembrar todos aqueles que morreram decorrente de visões equivocadas e preconceituosas durante o regime nazista. Do mesmo modo, o movimento possui um valor simbólico de representação da luta constante dos surdos, por direitos e visibilidade.

Segundo Machado (1998, p. 34), é impossível pensar as relações de tempo de modo independente das pessoas que vivem e pensam sobre suas vidas, ou seja, “a pluralidade

temporal não se desvincula da cultura nem das visões de mundo que a constituem" isto porque trata-se da própria realidade efetiva, e segundo os pressupostos dialógicos, "ao se constituírem em determinados tempos-espacos, os sujeitos, nas relações alteritárias, por meio da linguagem e de suas ações no mundo da vida, (re)constroem, (re)formulam ou (re)afirmam espacialidades e temporalidades" (Paula, 2011, p. 25), o que fica evidente que o cronotopo revela o sujeito. São nessas relações alteritárias, nas tensões dialógicas, que valores ideológicos se constituem por meio da linguagem, pois nas interações discursivas é que avaliamos os significados, os conteúdos, os temas, que estão incluídos nas palavras que escutamos ou lemos (Volóchinov, 2013).

As quatro formas de sinalização de FITA, a partir do contexto espaço-temporal descrito, tornam-se mais objetivos nossos julgamentos de valor. As duas primeiras formas de sinalização fazem alusão ao movimento, enquanto que as duas últimas se referem ao evento nazista. Observamos um direcionamento do discurso para vertentes ideológicas que não constroem um cronotopo sustentado unicamente num determinado tempo e espaço, o que permite conceber linhas temporais-espaciais com posicionamentos ideológicos distintos e bem demarcados. Lembramos que a língua é mutável, movimentando-se interruptamente, constituindo-se no processo de interação dialógica. Desse modo, é necessário que o enunciador tenha conhecimento cultural e histórico do conteúdo abordado, bem como, linguístico, a utilizar os signos gestuais adequados que permitam a construção de sentido ao enunciado.

Anterior à sinalização da primeira imagem de FITA, o enunciador precisou contextualizar sobre o assunto, assim como apontar para o peito, referindo-se ao signo gestual ESSA, para, então, se utilizar do CI especificador de laço no peito, em concomitância com o direcionamento do seu olhar. O uso desse CI é para especificar e caracterizar o referente, no caso, o formato das fitas utilizadas em movimentos de conscientização (Fellini, 2022). A identificação do objeto só foi possível pelo contexto da enunciação, caso contrário, isoladamente, dificilmente reconheceríamos o objeto como fita, a demonstrar que toda enunciação permite a produção de sentidos, decorrente dos aspectos axiológicos, da situação extraverbal e do cronotopo.

Todo juízo ou valoração refere-se a uma certa totalidade, do qual o contato entre a palavra e o acontecimento da vida funde-se, tornando-se uma unidade indissolúvel, segundo o Dialogismo. Desse modo, qualquer palavra ou signo gestual, tomados de modo isolado, como um fenômeno puramente linguístico, não seriam avaliados, pois surgem da situação extraverbal da vida, das vozes alheias. É por meio desse encontro da vida com a linguagem que outros cronotopos vão constituindo os enunciados, gerando significações diversas. Apesar de as fitas de várias cores e tamanhos terem sido utilizadas há tempo como objetos simbólicos por cavaleiros e militares durante a Idade Média na Europa, como forma de

conscientização surgiu de duas músicas, em específico, em 1917, "Round Her Neck She Wears a Yeller Ribbon" ("Em volta do pescoço ela usa uma fita amarela"), cantada em marcha pelos militares nos Estados Unidos; a outra, em 1970, "Tie a Yellow Ribbon Round the Ole Oak Tree" ("Amarre uma fita amarela em volta da árvore de carvalho"), quando a Penney Laingen, esposa de um refém militar do Irã, amarrou fitas amarelas em árvores, ilustrando o desejo de retorno do seu esposo para casa, logo, a ação ganhou repercussão e também se tornou um meio simbólico de conscientização¹². Posteriormente, em 1991, artistas se reuniram em New York, com a finalidade de criarem um símbolo que viria representar a solidariedade e o comprometimento na luta contra a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*). O laço vermelho seria o símbolo utilizado para homenagear amigos e colegas que morreram em decorrência da doença¹³. Não demorou muito para que outras fitas de cores distintas fossem adotadas nessas campanhas, como o caso do Movimento Setembro Azul.

Esse arcabouço histórico, cultural e linguístico é produto da humanidade e somente a partir dele, os enunciados ganham sentido. Não seria diferente no discurso analisado, a primeira referência da fita no peito (Imagem 1) e toda sua contextualização é que permite ao enunciador, na segunda imagem, apenas apontar para sua localização e fazer em datilologia (F-I-T-A)¹⁴, demonstrando que é sobre aquele símbolo que está a falar. Reitera-se que

[...] diferentes atividades, experiências e eventos presumem diferentes cronotopos. Convém destacar que essa humanidade a que nos referimos não deve ser, de modo algum, lida pelo viés da representação realista, decorrente de puro reflexo. A realidade efetiva sobre a qual se fala corresponde a uma refração, que aparece envolta por avaliações sociais as quais se formam sempre a partir de um determinado ponto de vista (Paula, 2011, p. 25).

Destacamos que o enunciado concreto pode ser sempre analisado como evento (acontecimento) e como historicidade (Felipe, 2013). Como evento, a enunciação possui uma conclusão, um acabamento marcado pela alternância dos sujeitos, além da conclusibilidade, pela atitude responsiva do interlocutor. Numa enunciação, a conclusibilidade faz com que esse enunciado seja irrepetível e único, sendo, é claro, passível de resposta, sempre se apresentando por meio das interações discursivas em uma determinada situação sócio histórica e não como unidade verbal. O tempo-espacço constitui e é constituído por sujeitos. As relações entre os sujeitos, segundo Alves (2021), criam tempo-espacço marcados pelas interações, tensões e revelações desses sujeitos.

¹² https://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_da_consci%C3%A3o.

¹³ <https://www.giv.org.br/ativismo/artigo01.htm>.

¹⁴ Ressaltamos que, na Libras, o uso da datilologia é uma alternativa necessária quando não há signos gestuais específicos para determinados termos. Nesses casos, o enunciador utiliza-se de estratégias durante a sinalização, expressando as palavras no aspecto datilológico e depois explicando o conceito, utilizando-se do CL como forma de situar o interlocutor sobre o assunto.

Essas análises nos permitem observar que cada cronotopo revela seus sujeitos, suas relações sociais, necessidades, angustias etc. O tempo-espacô do enunciador se diverge em vários aspectos do tempo-espacô em que o regime nazista se instaurou, cujos objetivos, significações, valores, posições e relações são distintas. Se pontuarmos aqui, os surdos naquele determinado período, não eram aceitos pelas famílias e pela sociedade, não eram vistos como sujeitos capazes, sua língua não era reconhecida e respeitada, não tinham direitos, e na maioria das vezes, eram tratados com desprezo, vivendo uma vulnerabilidade social inquestionável para a época. Um cronotopo social estável, mas constituído por inúmeros pequenos cronotopos (crise, guerra, desprezo, exclusão, morte etc.). Atualmente, com as transformações sociais e a criação de políticas públicas voltadas a pessoas com deficiência, os surdos tem sua participação em sociedade, garantida por alguns direitos como trabalhista, educacional, linguístico, político e social, a assumirem neste tempo-espacô, posições na vida. Assim, como atesta Alves (2012, p. 307), “nossas atividades, como sujeitos situados, se constituem na relação entre o mundo da cultura e a singularidade de nosso estar nesse mesmo mundo”.

Nessa perspectiva cronotópica, e pensando que a criação ideológica possui significação (Bakhtin; Volóchinov, 2017), até mesmo, o laço de fita, seja amarrado no braço ou sinalizada no peito, sendo corpos físicos, podem ser percebidos como imagens de algo. Não se trata apenas da fita, da matéria, mas, sim, de toda a contextualização perceptível - fita, tipo de laço, a parte do corpo, a cor, tempo-espacô - que juntos, permitem a criação do signo gestual ideológico SETEMBRO AZUL. Portanto, tudo que é ideológico possui um valor semiótico, a refratar e refletir a realidade concreta, ou seja, reflete os objetivos e as intenções do movimento (Bakhtin; Volóchinov, 2017).

As imagens 3 e 4, também, são CLs de corpo, ações reais que acontecem por meio das expressões corporais de seres animados (Pizzio *et al.*, 2009). No começo do discurso, o enunciador cita a fita por meio do encaixamento dos dedos indicador e polegar no braço esquerdo, como se fosse um bracelete sendo colocado entre o ombro e o antebraço. Em seguida, retoma a datilologia para F-I-T-A. Por sua vez, a última forma de referenciar a fita é mais icônica, a demonstrar a ação de amarrá-la ao braço. Nesse caso, consideramos que o CL está relacionado à sintaxe, a ter o objeto direto do verbo como sendo a fita, logo, o verbo incorpora-se ao argumento. Observamos que, na exposição do formato do laço no peito e na ação de amarrar a fita no braço, os CLs mudam, a estabelecer determinado vínculo com a ação, ou ainda, com o referente, até mesmo com o enunciado (Fellini, 2022). Nesse caso, constatamos os vínculos entre as formas adotadas, e em cada uma delas, sentidos diferentes foram produzidos, e assim como ocorre com as palavras nas línguas orais, cujas possibilidades de uso e sentido são várias – fita, faixa, tira, filete etc. Nas línguas de sinais, o uso de signos gestuais ou CLs, que estejam estritamente relacionados aos contextos, são

amplos também, pois “em cada situação prática o homem escolhe entre todos os possíveis significados dessa palavra, aquele que mais se adequa a ela” (Luria, 1991, p. 22), a demonstrar que diferentes formas de uso do signo linguístico e do signo gestual ocasionam diferentes processos psíquicos.

Pelo teor enunciativo, a fita amarrada ao braço nos permite associá-la a um objeto histórico, produto de um conflito social e histórico, instituído num contexto de uso, que permitiu sua valoração, no caso, a separação de grupos específicos durante o regime nazista. Este signo ideológico adquire hoje, para os surdos, um outro valor, de representação, de valorização, de reconhecimento do próprio grupo, um objeto que teve uma ressignificação, adquirindo um novo sentido social. Assim como naquele determinado período, a escolha da fita azul passou por um contexto firmado de valores entre os nazistas, ou seja, precisou ser um signo ideológico valorativo social, atualmente, a fita azul presa ao peito também passou por um crivo social, e foi comumente aceita entre os surdos (Fellini, 2022).

A compreensão, por sinal, está implícita na materialidade do discurso, constatado pelo extraverbal, situação, auditório, valoração, expressa pela entonação e, principalmente, pelo cronotopo, que toda e qualquer construção de sentidos sempre ocorrerá “a porta dos cronotopos”, e é por meio das práticas discursivas do qual participamos, constituímos nosso tempo-espacó.

Ao observarmos esses valores, de caráter mais subjetivo, reportamo-nos ao “campo do imaginário” que, segundo Pino (2006), trata-se do campo da subjetividade restrita, ou seja, é o imaginário que somente o sujeito possui acesso, antes mesmo de que o conteúdo se torne uma expressão objetiva da subjetividade. Assim, é nesse “campo” que o inexistente passa a existir, passa a acontecer. As imagens são a matéria-prima da atividade imaginária, é uma espécie de representação da realidade.

De modo mais restrito, Pino (2006) ressalta como sendo o termo “imagem”, as imagens humanas produzidas pelo cérebro humano, que transforma as imagens naturais em imagens de natureza simbólica, detentoras de significação. São as imagens, as informações e os conhecimentos que temos a respeito do nazismo que ganham uma significação negativa, contudo, naquele determinado tempo-espacó, os discursos eram constituídos pela realidade concreta, social e histórica no momento da enunciação, logo, para o povo alemão, os valores eram outros, pautados nas relações sociais da época. A significação atribuída se difere de pessoa para pessoa, a depender do nível cultural, das relações sociais, da posição que ocupamos, do acesso às informações e imagens, da avaliação que se tem a respeito do assunto. São vários os aspectos envolvidos no discurso que determinam o valor atribuído pelo enunciador a respeito do holocausto ou do Movimento Setembro Azul. Entretanto, os signos gestuais de FITA, nos permitem avaliar valores ideológicos, constituídos e cristalizados em

determinados cronotopos que atravessam o discurso do enunciador, formalizado evidentemente, por discursos alheios.

Considerações finais

Diante do que foi aqui discutido, consideramos pertinente ressaltar, em primeiro, aspectos sobre a língua e, por conseguinte, aspectos que determinam o discurso analisado. Na Libras, ficou evidente que o espaço de enunciação possui um caráter de cenarização indiscutível, tratando-se de um diferencial frente aos discursos verbais ou escritos. Muitos signos gestuais podem sofrer ressignificações, a considerar os aspectos extravebal, julgamentos de valor, entonação, e claro, o cronotopo. Essa ressignificação é moldada pelo contexto sócio histórico e pela relação tempo-espacó, permitindo que o enunciado ganhe acabamento específico. Outrossim, qualquer discurso exige um posicionamento do enunciador, a considerar o nível cultural e linguístico, seus valores e crenças. Esse posicionamento é que determina a escolha de certos signos gestuais em detrimento de outros.

No discurso, o enunciador se utiliza de quatro formas diferenciadas para se referir à fita. As imagens 1 e 2 fazem alusão ao Movimento Setembro Azul, criado em 2011, cujo objetivo é dar maior visibilidade à comunidade surda e sua língua. A projeção de se usar fitas em forma de laço no peito para movimentos de conscientização surge em 1991 com o primeiro Movimento a respeito da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, embora, antes disso, as fitas já eram utilizadas para homenagear ou condecorar militares. Já as imagens 3 e 4 estão a ressignificar as faixas utilizadas pelos nazistas para determinar o grupo de pessoas surdas, daquele determinado período histórico. Como na Libras não há um signo gestual específico para fita, porque o termo é amplo e permite constatar diferentes tamanhos, cores e modelos de fita, utilizam-se, portanto, os classificadores, elementos gramaticais da Libras que corroboram para dar sentido ao enunciado, assim, as fitas ganham sinalização apropriada, a partir do seu contexto de uso.

Reconhecer que os signos gestuais são ideológicos valorativos, de orientação sócio valorativa por natureza, nos permite, *a priori*, compreender o quanto tais valores e o cronotopo estão alicerçados pela interação discursiva, possível pela presença do eu e do outro, cujos discursos são sempre atravessados pelos discursos alheios, o que determina nosso comportamento e, consequentemente, nosso discurso interior e exterior. As quatro formas de sinalização de fita carregam significações que se encontram situadas dentro de determinados contextos sócio históricos, refratados pelo tempo e espaços específicos, mas que, juntos, determinam os valores atribuídos pelo enunciador no discurso analisado, a partir do tempo-espacó em que se encontra, o que se difere daquele em que os fatos ocorreram.

As fitas, suas cores e seus formatos, adquirem, à princípio, um valor social, que pode receber um tom emotivo volitivo individual para o ser humano, assim, se isso ocorrer, retorna

como valor social, tornando-se um contexto firmado de valores entre os grupos sociais. Essas considerações demonstram que um signo, para se tornar ideológico, precisa adquirir sentido aos seus usuários, precisa ter um valor social e individual. Logo, as fitas, utilizadas em situações distintas, carregam valores distintos, contudo, no discurso em questão, tais valores são utilizados para produzir um novo sentido, gerando um novo valor ideológico, socialmente aceito pela comunidade surda.

Referências

ALVES, M. P. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. **Revista Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305–322, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v24i2.19172>. Acesso em: 18 jul. 2024.

ALVES, M. P. C. Gêneros discursivos e cronotopo em perspectiva dialógica. **Youtube**, 17 de ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qRTWVrru3IY>. Acesso em: 16 de agos. 2024.

AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17–43.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 95–114.

ATIVISMO. **Grupo de Incentivo a Vida (GIV)**. Disponível em: <https://www.giv.org.br/ativismo/artigo01.htm>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira, revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. M. Formas de tempo e de cronotopo no romance (ensaios de poética histórica). In: BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. A. F. Bernadini *et al.* 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 211–362.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. M. **Gêneros do Discurso**. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261–306.

BAKHTIN, M. M.; VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRAMBILA, G. O texto em avaliação: do gênero discursivo ao cronotopo. **PERCURSOS Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 20, p. 117–131, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/21466>. Acesso em: 30 out. 2024.

BUBNOVA, T.; BARONAS, R. L.; TONELLI, F. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 268–280, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732011000200016>. Acesso em: 18 out. 2024.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201–220.

FELLINI, D. G. N. **A língua brasileira de sinais sob as perspectivas da Teoria Histórico-Cultural e do Dialogismo**. 2022. 259 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

FELIPE, T. A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67–89, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732013000200005>. Acesso em: 12 out. 2024

FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 161–193.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LURIA, A. R. **Cerebro y lenguaje**: La afasia traumática: síndromes, exploraciones y tratamiento. Barcelona: Editorial Fontanella, 1974.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. Vol. IV. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MACHADO, I. A. Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica. **Itinerários – Revista de Literatura**, Araraquara, n. 12, p. 33–46, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2910/2671>. Acesso em: 14 set. 2023.

MARTINS, T. A. **Um estudo descritivo sobre as manifestações de ambiguidade lexical em Libras**. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013.

MARTINS, M. A. L. **Relação professor surdo/alunos surdos em sala de aula**: análise das práticas bilíngues e suas problematizações. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845–1846). Supervisão editorial de Leandro Konder; tradução de Rubens Enderle, Nélia Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

PAULA, D. B. de. **A construção de posicionamento valorativo no cronótopo do PSV-2008 da UFRN**. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

PINO, A. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

PIZZIO, A. L. et al. **Língua Brasileira de Sinais III**. Licenciatura em Letras - Libras na modalidade a distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

SETEMBRO AZUL. **Plataforma Youtube**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=xJxNG96dul>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SILVA, D. N. Setembro Azul. **Universo Online**, Brasil Escola [s.d.]. Disponível em:
<https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/setembro-azul.htm#:~:text=O%20Setembro%20Azul%20%C3%A9%20uma,para%20a%20integra%C3%A7%C3%A3o%20dos%20surdos>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SILVA, J. P. da. **Demonstrações em uma narrativa sinalizada em Libras**. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOBRAL, A. Ato/Atividade e evento. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 11–36.

SOBRAL, A. Filosofias e (filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 123–150.

VOLÓCHINOV, V. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2001. - (Psicologia e pedagogia). 561 p.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Org. Michael Cole... [et al]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007. 182 p.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. - Porto Alegre Artes Médicas, 1996.

Sobre os autores

Dinéia Ghizzo Neto Fellini

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9155-8370>

Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora Adjunta da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), onde atua como docente do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional.

Elsa Midori Shimazaki

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2225-5667>

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Renilson José Menegassi

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7797-811X>

Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis). Atuou no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Recebido em mar. 2025.

Aprovado em nov. 2025